

As excursões de times de futebol do Brasil para a África
entre as décadas de 1960 e 1970

Uma primeira abordagem

Ms. Rael Fizon Eugenio dos Santos

O presente texto é um primeiro esboço das ideias que comporão meu projeto de pesquisa no doutorado. O objeto de pesquisa são as excursões de times de futebol do Brasil para o continente africano, entre as décadas de 1960 e 1970. Pretendo entender as conexões e redes

de interesses dos dois lados do Atlântico sul que tornaram possíveis as excursões e as que se formaram a partir delas. O desenvolvimento do futebol-negócio, a descolonização africana e a formação dos estados independentes, as relações e circulações entre Brasil e o continente africano, são alguns dos temas importantes para a pesquisa proposta. O que apresento, no momento, é fruto de uma primeira sondagem sobre as *excursões*.

A era das excursões

De maio a julho de 1964 o time de futebol do Clube de Regatas Flamengo (RJ) realizou uma série de jogos no exterior: disputou partidas no Chile, Peru, Colômbia, Jamaica, Haiti, Equador, Costa do Marfim, Gana, Líbano, Itália, Alemanha Oriental, Espanha e União Soviética. Foram 29 jogos realizados fora do Brasil, começando dia 20 de maio, na Costa do Marfim, até o jogo do dia 5 de julho, na União Soviética.

Para quem acompanha o atual futebol brasileiro, o espanto é grande com a quantidade de partidas não oficiais disputadas por um clube, nos mais diversos países da América, África e Europa, ao longo de quase três meses. Atualmente, o calendário de jogos oficiais dos times de primeira divisão do futebol brasileiro vai de fevereiro à dezembro. Os jogadores têm parte de dezembro e janeiro de férias e o final de janeiro e início de fevereiro de “pré-temporada”, ou seja, de preparação física pós-férias para o retorno aos jogos oficiais. Praticamente não há espaços para grande quantidade de jogos amistosos no exterior. Quando há, são poucos e, em geral, contra times europeus, que são a grande referência atual do futebol mundial. Soaria estranho, e com certeza seria alvo de críticas, um amistoso de um “time grande” brasileiro no continente africano, por exemplo.

Pesquisando em jornais existentes na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na Revista Placar, percebemos que aquela série de viagens do Flamengo não era uma exceção. Foram várias centenas de jogos realizados por times brasileiros no exterior, sobretudo em campos da América, África, Europa e Oriente Médio, nas décadas de 1960 e 1970. Por isso, chamo este período de *era das excursões* do futebol brasileiro. As “excursões” foram parte importantíssima do cenário futebolístico nacional. Além dos times que constantemente excursionaram ao exterior, como o Santos de Pelé, dezenas de clubes de

diversos estados fizeram pelo menos uma excursão.

As excursões diferem de simples jogos no exterior, pois eram série de jogos que, não raro, ocorriam em diversos países e duravam semanas ou meses. Em geral, eram jogos amistosos e participações em campeonatos comemorativos. Neste sentido, as *excursões* foram um fenômeno histórico que hoje, pelo menos no futebol brasileiro “de alto rendimento”, não existe mais. Este ciclo teve início após a Segunda Guerra e teve seu auge entre as décadas de 1960 e 1970, apesar de existirem até o início da década de 1990.

Flamengo (RJ), Vasco (RJ), Fluminense (RJ), Botafogo (RJ), Portuguesa (RJ), América (RJ), Madureira (RJ), Departamento Autônomo (RJ), Olaria (RJ), Bangu (RJ), Bonsucesso (RJ) Porto Alegre (RJ) Santos (SP), Palmeiras (SP), Corinthians (SP), São Paulo (SP) Portuguesa (SP), Seleção Paulista de Novos, Rio Branco (ES), Atlético (MG), Figueirense (SC), Bahia (BA), Coritiba (PR), ABC (RN), Seleção Brasileira (CBD/CBF)... São os times, identificados até o momento, que participaram da *era das excursões*. Sem dúvida que a lista é bem maior, e ao longo da pesquisa será consideravelmente ampliada.

O bi-campeonato mundial da *seleção* (1958 e 1962) deu visibilidade e fama ao futebol brasileiro, impulsionados ainda mais com o bi-campeonato mundial interclubes do Santos em cima do Benfica de Portugal (1962) e do Milan da Itália (1963). A seleção brasileira, o Santos de Pelé, o Botafogo de Garrincha... todos queriam ver os *artistas do futebol* de perto. Os clubes brasileiros passaram a ser bastante requisitados no exterior. Soma-se o fato de que no pós Segunda Guerra houve intensa expansão da aviação comercial, facilitando muito o intercâmbio entre os continentes. (ROCHA, 2019) Outro fator importante que possibilitou as excursões foi o retorno financeiro. As excursões se tornaram uma receita importante para os clubes e empresários envolvidos, em um período em que a bilheteria das partidas tinha o maior peso. Não à toa um dos imbróglis que surgiram entre clubes e federações no período foi em torno do calendário de jogos. Valia mais a pena para a maior parte dos grandes clubes dedicar parte do seu calendário para amistosos no exterior e jogos contra outros grandes times brasileiros em grandes estádios. A bilheteria em jogos com grande público e a “grana” paga pela realização dos amistosos internacionais falavam alto. As excursões se tornaram uma importante fonte de renda para clubes brasileiros e para os empresários que intermediaram as viagens. (MOREIRA, 2016)

Atualmente, existem poucos estudos acadêmicos sobre as excursões de times de futebol do Brasil para o exterior. Até o momento, encontramos quatro estudiosos que, de alguma forma, abordam, com maior ou menor profundidade, as *excursões*:

Luiz Porto Rocha está desenvolvendo sua tese de doutorado sobre o desenvolvimento da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e, especificamente, sobre a eleição de João Havelange como presidente da entidade, em 1974. Rocha aborda as excursões ao tratar do empresário Elias Zacour, mais importante empresário do futebol brasileiro entre as décadas de 1960 e 1980, principal intermediário de excursões de times de futebol para a África no período e peça chave no arranjo político que garantiu a maior parte dos votos das federações africanas para a eleição de Havelange como presidente da FIFA.

Arlei Damo aborda as *excursões* ao estudar, através de um olhar antropológico, o mercado transnacional de jogadores de futebol. No artigo “Da circulação de times à circulação de atletas: a reconfiguração do mercado futebolístico na segunda metade do século XX”, Damo afirma que antes de haver a expansão e consolidação do mercado internacional de atletas de futebol houve o desenvolvimento do mercado das *excursões*. O autor mostra que, do ponto de vista brasileiro, o mercado internacional de jogadores é corolário da circulação de times.

Outro pesquisador que abordou o tema das excursões foi José Florenzano ao estudar duas excursões do Santos, uma em 1969 para a África e outra em 1971 para o Caribe. No caso do Caribe, Florenzano aborda o impacto político-identitário da presença do Santos, e sobretudo de Pelé, em um contexto de difusão de ideais como o *Black Power* e a descolonização. No caso da presença do Santos na África, Florenzano desconstrói o mito de que o *time de Pelé* parou uma guerra na África. Identificando a Nigéria como o país em questão, o autor mostra que não só o Santos não parou a guerra civil existente entre o governo central nigeriano e a região separatista de Biafra, como fortaleceu a posição do governo.

Por fim, no contexto de sua dissertação de mestrado sobre a “história político-institucional do futebol brasileiro”, Jorge Fernando Moreira analisa as excursões através da Revista Placar nos anos de 1970 e 1971. Segundo Moreira, o que sobressai na *Placar* é o retorno financeiro gerado pelas excursões. No período estudado, a principal fonte de receita dos clubes era com a realização de jogos: vendendo jogos amistoso no Brasil ou no exterior, ou realizando jogos com equipes nacionais geradoras de grande renda. Após a vitória na Copa

do Mundo de 1970, a valorização dos clubes brasileiros no exterior foi enorme, possibilitando o acesso a receitas importantes. Chegou-se a tal situação, ainda segundo Moreira, que muitas vezes valia mais a pena para um *grande clube* brasileiro jogar amistosos do que jogar campeonatos oficiais.

Ainda pouco explorado, o tema das *excursões* é amplo e nos permite abordar muitos aspectos. Pretendo focar minha pesquisa nas excursões dos times de futebol do Brasil para a África. O objetivo principal é entender os interesses e conexões que tornaram possíveis e foram criados a partir dos contatos entre os dois lados do Atlântico Sul.

Do lado brasileiro, uma das primeiras hipóteses que vêm à mente é o do interesse do Estado brasileiro. Isto porque as décadas de 1960 e 1970, com idas e vindas, avanços e recuos, a política externa brasileira teve como um de seus pilares a aproximação com o continente africano. De 1961 a 1964 a *Política Externa Independente* pregava a diversificação de mercados para os produtos brasileiros a partir de uma aproximação com regiões tradicionalmente afastadas do radar do Itamaraty, sobretudo o leste europeu, e o continente africano, em franco processo de descolonização. Esta linha política sofre um abalo com o golpe civil-militar de 1964, mas é retomado pela Ditadura, entre 1974 e 1979, em outros moldes, com a *Política Externa Pragmática*. (SARAIVA, 1997) No momento, o que interessa para a pesquisa é a constatação de que, apesar das contradições permanentes, a tendência da política externa brasileira durante as décadas de 60 e 70 foi de aproximação do continente africano. A questão que surge é: havia relação entre as posições oficiais do Itamaraty de aproximação com a África e a realização de excursões de times brasileiros para o continente? Qual o papel do governo brasileiro nessas excursões? Para nossa surpresa, por enquanto, tanto a pesquisa em periódicos quanto a bibliografia especializada não indicam grandes influências do Itamaraty nas excursões. As informações até o momento encontradas não indicam o Estado brasileiro como um agente importante nos interesses envolvidos nesta trama.

Ao lermos sobre as excursões na bibliografia disponível e em jornais e revistas brasileiros, as principais figuras que aparecem, os principais responsáveis pela realização desses eventos, são os empresários do futebol: os intermediários, os que conectam os lados interessados. A partir deles podemos entender melhor como se davam essas excursões e os

interesses articulados em torno delas.

Foram vários os empresários que se aproveitaram do crescente interesse mundial pelo futebol brasileiro: Zildo Dantas, Borj Lanz, Alfonso Juan Doce, Edgar Noronha, Fernando Torcal, entre outros. Mesmo antes de 58, já na década de 1940, a figura de destaque era Zé da Gama. Empresário do futebol, Da Gama ganhou dinheiro com a transação de jogadores e com a intermediação de jogos no Brasil e no exterior. Em 1957, Da Gama trouxe ao Rio de Janeiro o time húngaro do Honved, que contava com Puskas e a base da lendária seleção húngara. Chegou a ser presidente do Madureira, promovendo uma série de excursões do tricolor suburbano carioca para China, leste europeu, Caribe... A famosa ida do Madureira para Cuba, em 1963, ocorreu através de Zé Gama. Seu objetivo era arrecadar com jogos e expor jogadores para possíveis transações. O auge da carreira de Da Gama como empresário do futebol ocorreu do final da década de 1940 até meados da década de 1960, quando se estabelece com cada vez mais força o nome do que pode ser considerado um dos maiores empresários de todos os tempos do futebol brasileiro: Elias Zacour. (ROCHA, 2019)

Principal empresário da *era das excursões*, Zacour ganhava dinheiro realizando o contato de times brasileiros sobretudo com times da América do Sul, Europa e África. A primeira excursão internacional organizada por Zacour, encontrada até o momento, ocorreu em 1964, quando o Bonsucesso jogou em gramados da África e Oriente Médio. Em 1965, levou o São Cristóvão à África, em 66 o Vasco, em 67 o Santos, em 68 o Departamento Autônomo e o Flamengo... Aos poucos, Zacour também entrou na área do mercado de jogadores e técnicos e organizava campeonatos internacionais. Intermediário inclusive de jogos da seleção brasileira, era um dos principais aliados de João Havelange – que, não por acaso, era presidente da CBD e, com a ajuda de Zacour para conseguir os votos importantes no continente africano, foi presidente da FIFA a partir de 1974. Sem dúvida, Zacour se tornou o mais poderoso empresário do futebol brasileiro, com conexões especiais sobretudo no continente africano. Foi muito próximo de Mohammed Maouche, presidente da federação Argelina de Futebol e Ydnekatchew Tessema, etíope, presidente da Confederação Africana de Futebol por 15 anos. (ROCHA, 2019)

Vejamos como a revista placar apresentou Elias Zaccour no ano de 1979, numa reportagem sobre o empresário assinada por Milton Costa Carvalho intitulada “Ele quer roubar nossos ídolos”:

O culpado é ele: Elias Zacour, 50 anos libanês, apartamentos no Rio e Paris, empresário que atua no eixo América do Sul-Europa-Oriente Médio, aventureiro de muitos mistérios e viagens.

É ele, Zacour, que exportou uma safra de técnicos brasileiros para a Arábia: Zagalo, Mineli, Didi, Formiga, Chirol e Parreira. É ele, também, que ameaça levar para Europa nossos maiores craques – de Sócrates Paulo César, de Dinamite a Careca. Se o futebol depende de atrações, Zacour depende de muito mais. É seu ganha-pão: dizem que, entre jogadores negociados e clubes levados para excursão, Zacour fatura anualmente 300 mil dólares. Isto é, mais de oito milhões de cruzeiros.

Ele só não revela a porcentagem que leva em cada negócio que realiza – mas certamente não é pouco. Um exemplo: nas excursões ao exterior, a cota do clube é fixada tomando por base a média de suas arrecadações em jogos locais. Como as arrecadações são normalmente baixas, os clubes exigem pouca para viajar e a comissão do empresário cresce – e cresce em dólares, o que torna a profissão muito compensadora.

Zacour, além do mais, é um privilegiado entre seus colegas. Nos meios esportivos europeus ele circula com status de empresário oficial da Seleção Brasileira. E esta credencial lhe abre muitas portas. Ou seja: de repente um cartola estrangeiro vê o jogador atuar pelo Brasil e se interessa em comprá-lo. Zacour é o caminho natural para a realização do negócio. Muitas vezes também trabalha por encomenda. (Revista Placar, 31/08/1979, n.488, p.40)

Na Revista Placar de 10 de abril de 1970, Didi, então técnico da seleção Peruana que disputaria a Copa de 1970, no México, fala da “máfia do futebol mundial” e diz que Zaccour teria os votos do continente africano e grande influência nos países comunistas e, por isso, poderia eleger João Havelange presidente da FIFA.

Sem dúvida que Elias Zacour será a personagem chave da pesquisa, um dos fios condutores. Quais eram e como se davam as conexões de Zacour com o continente africano?

As excursões na África e o contexto africano

Do lado africano, a contratação de times brasileiros para atuar em diferentes países parece estar ligada, de forma geral, às elites e governos locais que buscavam consolidar sua influência, poder e estabelecer as bases de Estados nacionais pós-coloniais. A maior parte dos jogos eram contratados por governos, ou federações/entidades diretamente ligadas aos governos. (ROCHA, 2010)

Na era das excursões a África aparece como um lugar de destaque. Mais de cem jogos foram realizados por times brasileiros no lado de lá do Atlântico sul. Contatos que foram feitos e geraram redes de interesses e experiências que pretendo desvendar ao longo da tese.

Até agora, pela pesquisa nos jornais, encontrei o seguinte número de excursões agendadas para África (sem descontar viagens que foram agendadas mas não foram concretizadas): 2 em 59, 1 em 63, 1 em 64, 1 em 65, 1 em 66, 4 em 67, 2 em 68, 2 em 69, 1 em 71, 1 em 72, 4 em 73, 2 em 74, 3 em 75, 1 em 76, 2 em 77, 2 em 78, 3 em 79, 1 em 82, 3 em 83, 1 em 84, 2 em 85, 3 em 86, 4 em 87, 3 em 91, 2 em 92, 1 em 94. Não tenho dúvidas de que a continuação da pesquisa indicará quantidade bem maior de idas de times brasileiros para a África, mas já é evidente a quantidade e regularidade consideráveis de viagens de times brasileiros para o lado de lá do Atlântico sul.

Quais os interesses dos países africanos em realizar jogos contra times brasileiros? Para responder a esta questão será necessário compreender o contexto geral e locais do desenvolvimento do futebol e da política no continente africano.

O quadro geral do desenvolvimento inicial dos esportes no continente africano se assemelha ao ocorrido no Brasil: trazido nas redes comerciais, militares e governamentais dos impérios europeus, sobretudo o império britânico, na segunda metade do século XIX. O desenvolvimento dos esportes foi vinculado constantemente ao debate sobre saúde, estética, nação, civilização... O rúgbi, críquete, boxe, atletismo, hóquei, tênis se difundem pelas principais cidades por figuras de alguma forma ligadas ao colonialismo: administradores, militares, empresários, fazendeiros, engenheiros, professores, missionários... (GIULIANOTTI, 2010)

A presença da prática esportiva nas sociedades coloniais africanas era tão importante que para os países recém independentes o esporte cumpria importante papel na construção da ideia de pátria e nação. O esporte foi utilizado como forma de controle e projeção de influência e poder tanto por autoridades coloniais quanto pelos governos independentes que emergiram sobretudo no pós Segunda Guerra. (MELO, BITTENCOURT, NASCIMENTO, 2010).

Peter Alegi (2010) cita a mobilização em torno do futebol promovida por estados africanos a partir da construção de grandes estádios e da promoção de campeonatos nacionais. A difusão por rádio, Tv, jornais e revistas garantia a massificação da ideia e do sentimento de nacionalidade. Não parece ser descabido levantar a hipótese dos jogos promovidos contra times brasileiros se insiram também neste contexto.

José Florenzano (2019) destaca em recente pesquisa, citada anteriormente, sobre a

excursão do Santos para a África, em 1969, que o governo nigeriano, contratante de duas partidas junto ao empresário Elias Zacour, utilizou a realização dos jogos como propaganda de seu domínio e força no contexto da guerra civil que era travada contra o Estado separatista de Biafra.

Foram muitos os países africanos que promoveram jogos de times brasileiros (até o momento identifiquei 25), portanto, não será possível abordar com profundidade todos os contextos locais. Além de estruturar um panorama geral desta presença brasileira na África, pretendo focar nos casos em que o empresário Elias Zacour estava envolvido, pois, como já foi dito, este foi o empresário mais influente do período e o que mais construiu relações no continente africano. Também pretendo adotar como critério inicial para o aprofundamento dos aspectos locais, a quantidade de partidas disputadas no país, dando prioridade para os países que mais receberam times brasileiros.

Bibliografia

Alege, Peter. *African soccerescapes: how a continent changed the world's game*. Athens: Ohio Univerty Press, 2010

Damo, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Porto Alegre: UFRS, 2005. Tese de doutorado.

Melo, Victor Andrade de; Bittencourt, Marcelo; Nascimento, Augusto. *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

Moreira, Jorge Fernando Albuquerque D'Amaral. *As Excursões Futebolísticas segundo a Revista Placar 1970-1971: primeiras reflexões*. Vozes, Pretérito & Devir, v. 5, n. I, 2016.

Nascimento, Augusto; Bittencourt, Marcelo; Domingos, Nuno; Melo, Victor Andrade de. *Esporte e lazer na África: novos olhares*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

Rocha, Luiz Guilherme B.. *A dança das cadeiras: circulação de elites e grupos transnacionais na eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1968-1974)*. São Paulo: USP, 2017. Material para qualificação de doutorado.

Saraiva, José Flávio Sombra. *O lugar da África: a dimensão atlântica da política externa brasileira de 1964 a nossos dias*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

Periódicos consultados

A Gazeta Desportiva
Correio da Manhã
Correio Paulistano
Jornal dos Sports
Jornal do Brasil
Revista Placar